

# As terminações nasais do português antigo

## *Nasal endings in Medieval Portuguese*

Juliana Simões FONTE\*

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Araraquara)

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é analisar a ocorrência das terminações nasais nos nomes do português arcaico, a fim de obter informações sobre a origem do ditongo nasal *-ão*, na história do português. Como *corpus* para esta pesquisa, foram consideradas as 420 *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, remanescentes da segunda metade do século XIII. A metodologia adotada neste estudo baseia-se no mapeamento de todas as terminações nasais presentes no *corpus* considerado. Ao apresentar uma relação das terminações nasais que compunham os nomes do período arcaico, este trabalho traz informações importantes sobre o processo de formação do ditongo nasal *-ão*, na diacronia do português.

**PALAVRAS-CHAVE:** Português arcaico. *Cantigas de Santa Maria*. Terminações nasais.

**ABSTRACT:** This work studies nasals endings in nominal forms (nouns/adjectives) in Medieval Portuguese in order to obtain information about the origin of the nasal diphthong *-ão*, in the history of Portuguese. The research *corpus* comprises all of the 420 *Cantigas de Santa Maria*, by Afonso X, composed in the second half of the 13th century. The methodology adopted in this study consisted in mapping of all nasals endings that occur in the *corpus*. It was possible to identify the nasals endings that were employed in nouns and adjectives of Medieval Portuguese, and thus, to obtain some important information concerning the origin of the nasal diphthong *-ão* in Portuguese.

**KEYWORDS:** Medieval portuguese. *Cantigas de Santa Maria*. Nasals endings.

## Introdução

O objetivo deste trabalho é analisar a ocorrência da sequência vocálica *-ão*, em todos os nomes (substantivos e adjetivos) presentes nas *Cantigas de Santa Maria* (CSM) de Afonso X, o rei Sábio de Leão e Castela, elaboradas na segunda metade do século XIII, a fim de se obter informações fonológicas a respeito da origem do ditongo nasal na história do português.

Estudos diacrônicos (cf. WILLIAMS, 1975[1938]; NUNES, 1960; COUTINHO, 1974; TEYSSIER, 1994[1980]; PARKINSON, 1997; MAIA, 1986; MATTOS E SILVA, 2006) mostram que o ditongo nasal *-ão*, presente em termos como *mão*, *cão* e *coração*, por exemplo, é proveniente de três diferentes terminações latinas: *-anu*, *-ane* e *-one* (ex.: *manu*>*mão*; *cane*>*can*>*cão*; *coratione*>*coraçõ*>*coração*).

---

\* Doutoranda em Linguística, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), *campus* de Araraquara. Araraquara – SP – Brasil. E-mail: jujufonte@yahoo.com.br.

No caso da terminação *-anu*, que originou o ditongo nasal em palavras como *mão* e *são*, por exemplo, a sequência vocálica *-ão* é proveniente da queda de um *-n-* intervocálico latino (*manu*, *sanu*). De acordo com os estudos consultados, a princípio, essa terminação *-anu* originou um hiato (*-ão*) no português.

No que diz respeito às terminações latinas *-ane* e *-one*, a sequência vocálica *-ão* surge a partir de uma ditongação de *-an* (*can*>*cão*) e *-on* (*coraçon*>*coração*), em posição final de palavra, resultantes da queda de um *-e* átono final (*cane*, *coratione*). Como bem observam os estudos diacrônicos do português, vestígios de *-an* e *-on* finais conservam-se no plural (ex.: *cães*, *corações*) e em algumas formas derivadas (ex.: *canil*, *nacional*) de palavras do português cujo ditongo nasal provém dessas terminações.

Tendo em vista a procedência do ditongo nasal (*-ão*) do português, a questão que se coloca é a de saber em que momento da história da língua essas três terminações latinas (*-anu*, *-ane* e *-one*) teriam se uniformizado em *-ão*. Diante dessa questão, este trabalho se propõe a investigar a ocorrência dessas terminações, nas CSM, a fim de obter informações sobre o *status* da sequência vocálica *-ão*, no português arcaico (PA). O presente trabalho, portanto, também se propõe a trazer contribuições para os estudos que investigam a datação da convergência das terminações latinas em um único *-ão*, na história do português.

Para Mattos e Silva (2006, p. 72), é muito provável que a referida convergência tenha se consolidado por volta do século XV (segunda metade), uma vez que, de acordo com a autora, o *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, obra literária que reúne poemas escritos ao longo do século XV e início do século XVI, traz várias rimas entre palavras cujo ditongo nasal é proveniente de origens latinas distintas. Segundo a autora, esse tipo de rima é esporádico, no *Cancioneiro Medieval galego-português*: “ocorre, excepcionalmente, a rima *-am* (lat. *-ane*) com *-ão* (lat. *-anu*), nas *Cantigas de Santa Maria*”. Mattos e Silva (2006, p. 72), no entanto, apenas menciona a ocorrência desse tipo de rima, nas cantigas afonsinas, sem apresentar dados que sustentem tal afirmação.

Partindo dessa declaração de Mattos e Silva (2006, p. 72), o presente estudo preocupou-se em buscar, nas 420 CSM, as rimas apontadas pela autora, além de investigar as possibilidades de rima entre palavras terminadas em *-ão* que fossem provenientes de origens latinas distintas.

Betti (1997) fez um levantamento de todas as rimas empregadas no cancionero afonsino. Esta pesquisa partiu desse levantamento de Betti (1997) para mapear todas as ocorrências das vogais nasais, nas rimas das CSM.

Nesse sentido, pode-se dizer que a metodologia adotada neste estudo baseia-se, principalmente, no mapeamento de todos os nomes (substantivos e adjetivos) com terminação nasal presentes nas 420 CSM, em posição de rima ou não.

Foram consideradas, neste trabalho, as edições das CSM organizadas por Mettmann (1986, 1988, 1989). Além disso, levamos em consideração as informações contidas no Glossário elaborado por esse mesmo autor (METTMANN, 1972), no qual estão registrados todos os termos presentes nas cantigas afonsinas.

Por meio desta pesquisa, foi possível obter informações relevantes sobre a ocorrência das terminações nasais tanto no PA, quanto no percurso diacrônico da língua.

## 1 As terminações nasais do português na perspectiva dos estudos anteriores

Antes de apresentarmos os resultados obtidos nesta pesquisa, é importante que revisitemos alguns trabalhos anteriores, buscando, assim, testemunhos acerca da ocorrência

das terminações nasais, no PA, além de informações sobre os processos que originaram o ditongo nasal *-ão*, ao longo da história da língua.

A presente seção está dividida em três subseções: a primeira subseção traz o testemunho dos estudiosos acerca da origem do ditongo nasal, na história do português; na segunda subseção, mostramos o que dizem os estudiosos sobre o *status* das terminações nasais no PA; a terceira e última subseção traz a visão da fonologia moderna sobre a estrutura profunda do ditongo nasal *-ão* nas palavras do português.

Com relação à origem do ditongo nasal *-ão*, na história do português, foram considerados, neste trabalho, desde os estudos mais tradicionais, como os de Williams (1975[1938]), Nunes (1960), Cunha (1961), Coutinho (1974) e Teyssier (1994[1980]), até os recentes trabalhos de Ramos (1985), Maia (1997[1986]), Parkinson (1997) e Mattos e Silva (2006).

No tangente às terminações nasais do PA, partimos dos testemunhos de Ramos (1985), Maia (1997[1986]) e Nunes (1960), que trazem informações específicas sobre o português medieval.

Por fim, no que diz respeito ao testemunho da fonologia atual acerca do ditongo nasal do português, levamos em consideração as interpretações fonológicas de Bisol (1989) e Parkinson (1997).

### 1.1 O ditongo nasal *-ão* na história do português

Os estudos consultados neste trabalho foram incontroversos em apontar o ditongo nasal *-ão* (dos nomes) como resultado de três diferentes terminações latinas, conforme anteriormente mencionado. A seguir, estão indicados alguns exemplos que mostram essa transformação de *-anu*, *-ane* e *-one* latinos no ditongo nasal *-ão* do português<sup>1</sup>:

- |     |                                    |  |                                |
|-----|------------------------------------|--|--------------------------------|
| (1) | <i>germanu-</i> > <i>irmão</i>     | <i>livianu-</i> > <i>livião</i> (arc.) | <i>planu-</i> > <i>chão</i>    |
|     | <i>granu-</i> > <i>grão</i>        | <i>manu-</i> > <i>mão</i>              | <i>veranu-</i> > <i>verão</i>  |
| (2) | <i>cane-</i> > <i>cão</i>          |  |                                |
|     | <i>pane-</i> > <i>pão</i>          |  |                                |
| (3) | <i>coratione-</i> > <i>coração</i> | <i>mansione</i> > <i>mansão</i>        | <i>ratione-</i> > <i>razão</i> |
|     | <i>devotione-</i> > <i>devoção</i> | <i>occasione-</i> > <i>ocasião</i>     | <i>satione-</i> > <i>sazão</i> |
|     | <i>latrone-</i> > <i>ladrão</i>    | <i>prensione-</i> > <i>prisão</i>      | <i>visione-</i> > <i>visão</i> |
|     | <i>lectione</i> > <i>lição</i>     |  |                                |

No que se refere à terminação *-anu*, conforme observado anteriormente, o ditongo nasal resulta da queda de um *-n-* intervocálico do latim que, ao perder-se, nasalizou a vogal precedente. De acordo com os estudos consultados, essa terminação latina originou, a princípio, um hiato (*-ão*) que, posteriormente, ditongou-se.

Há controvérsias, na literatura disponível, acerca da datação em que teria ocorrido a queda desse *-n-* intervocálico latino. De acordo com Cunha (1961, p. 189), não há provas que registrem a ocorrência de ditongos nasais, no romance lusitânico, antes do século X. Diante desse fato, o autor conclui o seguinte:

<sup>1</sup> Exemplos retirados de Williams (1975[1938], p. 81), Coutinho (1974, p. 115), Nunes (1960, p. 111) e Ramos (1985, p. 96).

O começo do fenômeno podemos fixá-lo [...] no séc. X, quando certas palavras principiam a ser grafadas, em documentos do latim bárbaro, sem o -n-etimológico, sinal de que esta consoante, na língua viva, já se havia convertido no traço nasal da vogal antecedente (CUNHA, 1961, p.189).

Williams (1975[1938], p. 81) também atribui a queda do -n- intervocálico latino ao curso do século X. Para Teyssier (1994[1980], p. 15), no entanto, a síncope da consoante nasal ocorreu, muito provavelmente, no século XI, “e ainda estava em curso no século XII, nas vésperas dos primeiros documentos escritos [em português]”.

No tangente às terminações *-ane* e *-one*, resultaram, a princípio, nas terminações *-an* e *-on*, respectivamente, decorrentes da queda de um *-e* átono final (cf. RAMOS, 1985; MAIA, 1997[1986]; PARKINSON, 1997). Posteriormente, esses monotongos nasais convergiram para o ditongo nasal *-ão*, conforme declara Teyssier:

Todas as palavras da língua que possuíam primitivamente *-an* (*-am*) e *-on* (*-om*) convergiram [...] para uma só terminação em *-ão* [...] Não há um consenso entre os historiadores da língua sobre as causas dessa mutação. Para uns, trata-se de uma evolução puramente fonética, para outros, do resultado de ações analógicas complexas. Inclinamo-nos a pensar que as duas explicações são igualmente verdadeiras (TEYSSIER, 1994[1980], p. 46).

Para Parkinson (1997, p. 253), o conceito de analogia é, muitas vezes, vago, e não parece conciliável e compatível com uma explicação de natureza fonética. O autor critica, assim, essa posição hesitante assumida por Teyssier (1994[1980], p. 46).

De acordo com Mattos e Silva (2006, p. 72), para aqueles que adotam a teoria da mudança analógica, as terminações *-an* e *-on* convergiram para *-ão* por analogia ao ditongo nasal *-ão* proveniente de *-anu* latino, considerado mais frequente na língua.

Com relação às explicações de natureza fonética, Mattos e Silva (2006, p. 73) declara que os estudiosos partem do pressuposto de que o travamento nasal (/aN/, /oN/) favoreceu o desenvolvimento de uma semivogal, que se ditongou com a vogal nasal precedente ([ãw̃], [õw̃]). De acordo com a autora, nessa proposta, a consoante nasal, após transferir seu traço nasal para a vogal precedente, teria permanecido (e não se apagado), mas sob a forma de uma semivogal, com traços semelhantes ao da vogal precedente. Assim, o desenvolvimento da semivogal [w], na terminação *-on*, justifica-se pelo fato de essa semivogal apresentar os mesmos traços (posterior e arredondado) da vogal *o*, que a antecede. No caso da terminação *-an*, Mattos e Silva (2006, p. 73) declara que o desenvolvimento da semivogal [w] (e não [y]) explica-se pelo fato de *a*, segundo a autora, apresentar um traço de recuo (posterior), como o [w]. A autora observa, no entanto, que as propostas de natureza fonética não explicam como a terminação *-on* (*coraçõn*), de base *o*, passa a ter base *a* (*coraçãõ*).

Segundo Parkinson (1997, p. 254), as teorias fonéticas consideram, tradicionalmente, três mudanças principais envolvidas na formação do ditongo *-ão*: “um só processo de ditongação, de /ã/ a /ãũ/ e /õ/ a /õũ/, seguido pela simplificação de /ãõ/ em /ãũ/<sup>2</sup> [...] e pela dissimilação de /õ/ em /ãũ/”. Essas mudanças estão representadas, esquematicamente, em (4):

---

<sup>2</sup> Essa “simplificação de /ãõ/ em /ãũ/”, mencionada por Parkinson (1997, p. 254), refere-se à ditongação do hiato *-ão* presente em palavras como *mão* e *irmão*, por exemplo, cuja sequência vocálica é proveniente de *-anu* latino.

- (4)    -*anu* > -*ão* > -*ãũ*  
           -*ane* > -*an* > -*ãũ*  
           -*one* > -*on* > -*õũ* > -*ãũ*

Nessa proposta, a transformação de *-on*, terminação de base *o*, em *-ão*, ditongo de base *a*, explica-se por meio da dissimilação: a princípio, essa terminação teria originado um ditongo de base *o* (*-õũ*), que se transformou em *-ão* para evitar uma sequência de vogais semelhantes (/o/ e /u/).

No caso do plural dessas formas cujo ditongo *-ão* é proveniente de *-ane* e *-one* latinos, a explicação fonética parece mais simples. Verifica-se, de acordo com os autores consultados, uma queda do *-n-* intervocálico que, ao ser apagado, transferiu seu traço nasal para a vogal precedente: *panes* > *pães*, *canes* > *cães*; *corationes* > *corações*, *nationes* > *nações*. Trata-se, portanto, de um processo equivalente ao que originou o ditongo *-ão*, proveniente de *-anu* latino (ex.: *manu* > *mão*, *manus* > *mãos*), conforme anteriormente mencionado neste trabalho.

Por fim, os estudos consultados, neste trabalho, também mostraram que, nas terminações nasais constituídas de vogais iguais ou semelhantes no latim (ex.: *-ana* e *-onu*), a ressonância nasal foi mantida, após a queda do *-n-* intervocálico, tendo ocorrido, posteriormente, uma crase das vogais contíguas finais, conforme indicam os exemplos a seguir (cf. WILLIAMS, 1975[1938]; NUNES, 1960; COUTINHO, 1974):

- (5)    *germana-* > *irmãa* > *irmã*  
           *lana-* > *lãa* > *lã*  
           *mattiana-* > *maçãa* > *maçã*
- (6)    *bonu-* > *bõo* > *bom*  
           *donu-* > *dõo* > *dom*  
           *sonu-* > *sõo* > *som*

De acordo com os exemplos acima, a princípio, as vogais finais contíguas, resultantes da queda do *-n-* intervocálico das terminações latinas *-ana* e *-onu*, não se fundiram. Essas vogais finais pertenciam, segundo os estudos consultados neste trabalho, a sílabas diferentes, nos primeiros séculos do português. Após a crase das vogais referidas, as terminações /aN/ e /oN/, ao contrário de /aN/ e /oN/ provenientes de *-ane* e *-one* latinos, não se ditongaram,<sup>3</sup> e são representadas, na ortografia padrão do português atual, por *-ã* e *-om*, respectivamente. A respeito da grafia das nasais finais do português atual, Câmara Jr. declara:

A escrita portuguesa adotou dois meios de indicar a vogal nasal. O primeiro foi manter a letra consoante, que se usava em latim para indicar a pura consoante nasal pós-vocálica [...]. O segundo foi aproveitar o diacrítico chamado “til” ( ~ ), sobreposto à letra vogal, que era de início uma abreviação do *n* de que lançavam mão os copistas medievais. Afinal fixou-se a praxe de escrever *m* ou *n* (pelo critério latino) em sílaba interna ou em sílaba final com *a*, *i*, *o*, *u*, reservando-se o “til” para *a* final ou ditongo (CÂMARA JR., 1979[1975], p. 63).

Enfim, nesta subseção, procuramos expor uma síntese da história do ditongo nasal (e das terminações nasais) do português, a partir do testemunho dos estudos considerados

<sup>3</sup> Vale observar que, no caso da terminação /oN/, há variedades do português brasileiro (PB) atual em que essa terminação é realizada como um ditongo: [bõw̃], de base *o*, ou [bãw̃], de base *a*.

no presente trabalho. Na subseção a seguir, há uma breve apresentação do que dizem os estudiosos consultados acerca da realização das terminações nasais no PA.

### 1.2 As terminações nasais no PA

De acordo com Maia (1997[1986]), que analisou documentos tabelionários escritos entre os séculos XIII e XVI, em Portugal e Galiza, os nomes presentes em documentos do período arcaico trazem terminações nasais distintas para representar as três terminações latinas (-*anu*, -*ane* e -*one*) já referidas neste trabalho.

No que diz respeito aos étimos latinos terminados em -*anu*, Maia (1997[1986], p. 589) declara que apresentam, habitualmente, nos documentos medievais que analisou, o resultado -*ão* (ex.: *grão*, *grãos*, *irmão*, *irmãos*, *mão* etc.). Maia (1997[1986], p. 590) acrescenta, no entanto, que também identificou alguns (poucos) casos cuja grafia conserva o -*n* etimológico (ex.: *hermano* [*irmão*], *mano* [*mão*]).

No tangente às palavras que apresentavam terminação latina -*ane*, Maia (1997[1986], p. 584) revela que identificou, nos documentos do PA, as terminações -*ã*, -*an* e -*am* (ex.: *escripvã*, *escripvã*, *escripvã*, *pã*, *pan*, *pam* etc.).

Por fim, no que se refere às palavras que representam étimos latinos com terminação -*one*, Maia (1997[1986], p. 602) afirma que aparecem, nos documentos que analisou, as terminações -*õ*, -*on* e -*om* (ex.: *condiçõ*, *condiçõ*, *condiçom*, *doaçom* etc.).

Nunes (1960, p. 111), ao se referir à história das nasais finais do português, também aponta as terminações -*am* e -*om* como representantes de -*ane* e -*one* latinos, respectivamente, no PA: *cane-* > *cam*, *pane-* > *pam*; *devotione-* > *devoçom*, *mansione-* > *meijom*, *occasione-* > *oqueijon*, *prensione-* > *prijon*, *latrone-* > *ladrom*.<sup>4</sup>

Os dados de Maia (1997[1986]) e Nunes (1960) confirmam, pois, a afirmação de Ramos (1985, p. 97) de que, no PA, “não tinham ainda convergido para [ãw] as formas cuja realização era /ã/ e /õ/ [...] em posição final”.

### 1.3 O ditongo nasal -*ão* na perspectiva da fonologia atual

Tendo em vista o instrumental fornecido pelas teorias fonológicas recentes, isto é, os modelos da fonologia não-linear, o objetivo desta subseção é expor algumas interpretações do ditongo nasal -*ão* baseadas na fonologia atual (no modelo de Geometria de Traços de Clements, 1985, mais especificamente).

Bisol (1989), valendo-se da teoria autosegmental (modelo de Geometria de Traços), analisa a representação do ditongo nasal -*ão* do português nos diferentes níveis (*tiers*) da palavra. De acordo com a autora, esse ditongo nasal, presente em termos como *irmão* e *limão*, é formado em um dos níveis profundos (*tier* da rima) da palavra. Para Bisol (1989, p. 205), a sequência vocálica -*ão* constitui um ditongo pesado (verdadeiro) do português, uma vez que ocupa duas posições no *tier* da rima, isto é, apresenta rima ramificada na estrutura subjacente da palavra.

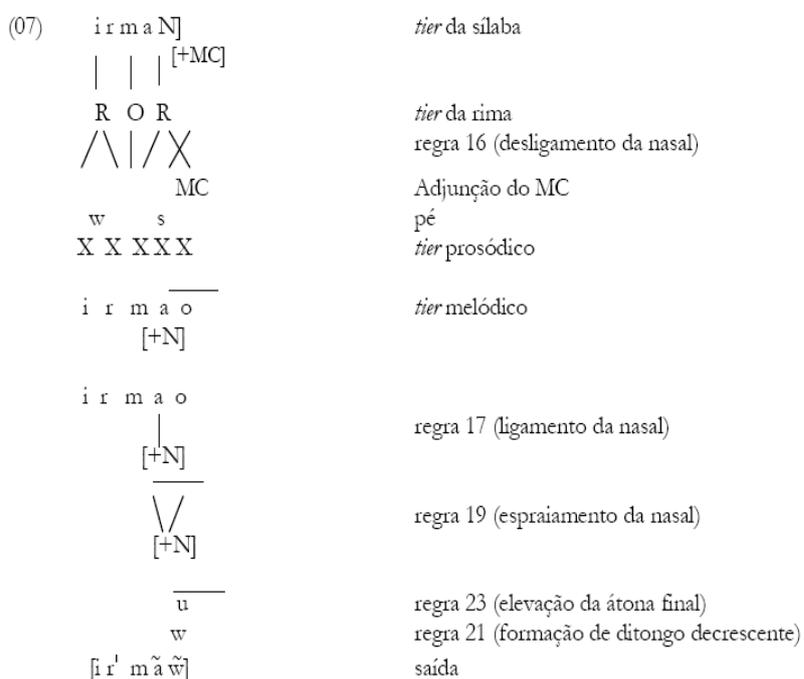
Bisol (1989, p. 201) divide as palavras do português com terminação -*ão* em dois grupos distintos: nomes com terminação subjacente /oN/ (ex.: *limão*, *nação*, *valentão*) e nomes com terminação subjacente /aN/ (*irmão*, *órfão*, *órgão*). A partir dessa classificação, a autora apresenta as regras de formação do ditongo nasal (-*ão*) nas palavras do português.

No caso dos vocábulos com terminação subjacente /aN/, Bisol (1989, p. 202) declara que o ditongo nasal -*ão* é formado a partir da aplicação das seguintes regras:

<sup>4</sup> No que se refere ao plural dessas formas, no PA, Nunes (1960, p. 111) aponta os seguintes exemplos: *cães*, *pães*, *devoções*, *ocasiões*, *prisões*, *ladrões*.

primeiramente, no *tier* da rima, aplica-se a regra de absorção (desligamento) do traço nasal [N], que estava travando a vogal final da palavra (/aN/); em seguida, ainda no *tier* da rima, acrescenta-se, ao final da palavra, a desinência -o, que representa o marcador de classe (MC), na terminologia adotada pela autora; no *tier* melódico (nível superficial), a nasal flutuante é religada à última sílaba da palavra e espraia; por fim, aplica-se a regra de elevação da vogal átona final, “que se converte em semivogal pela regra universal de formação de ditongo” (BISOL, 1989, p.203). O esquema a seguir, adaptado de Bisol (1989, p. 204), indica a sequência de regras aplicadas na formação do ditongo nasal -ão, em palavras com terminação subjacente /aN/:

**Figura 1 – Vocábulo com terminação /-aN/**



(Fonte: adaptado de Bisol, 1989, p. 204)

No que se refere aos vocábulos com terminação subjacente /oN/, Bisol (1989, p. 204) mostra que são aplicadas, na formação do ditongo -ão, as mesmas regras (indicadas acima) que originaram o ditongo nasal em palavras terminadas em /aN/ subjacente. Verifica-se, no entanto, de acordo com a autora, uma única diferença entre os dois esquemas: o acréscimo da regra de dissimilação da rima, no *tier* melódico das palavras com terminação /oN/, por meio da qual a sequência -oo converte-se a -ao, conforme indicado a seguir:

**Figura 2 – Vocábulo com terminação /-oN/**

<p>(08) l i m o N]</p> <p>        [+MC]</p> <p>O R O R</p> <p>      / \</p> <p style="text-align: center;">MC</p> <p>w s</p> <p>X X X X X</p> <p>l i m o o</p> <p style="text-align: center;">[+N]</p> <p>l i m o o</p> <p style="text-align: center;"> </p> <p style="text-align: center;">[+N]</p> <p style="text-align: center;">∇</p> <p style="text-align: center;">[+N]</p> <p style="text-align: center;">a</p> <p style="text-align: center;">u</p> <p style="text-align: center;">w</p> <p>[ l i' m ã ~w]</p>	<p><i>tier</i> da sílaba</p> <p><i>tier</i> da rima</p> <p>regra 16 (desligamento da nasal)</p> <p>Adjunção do MC</p> <p>pé</p> <p><i>tier</i> prosódico</p> <p><i>tier</i> melódico</p> <p>regra 17 (ligamento da nasal)</p> <p>regra 19 (espraiamento da nasal)</p> <p>regra 20 (dissimilação da rima)</p> <p>regra 23 (elevação da átona final)</p> <p>regra 21 (formação de ditongo decrescente)</p> <p>saída</p>
--	---

(Fonte: adaptado de Bisol, 1989, p. 204)

## 2 As terminações nasais nas CSM

Nesta seção, estão apresentados e discutidos os resultados desta pesquisa, obtidos a partir do mapeamento de todas as terminações nasais presentes nos nomes das 420 CSM, de Afonso X, o Sábio, rei de Leão e Castela.

Foram identificadas, no *corpus* considerado, as seguintes terminações nasais, nos nomes do PA (no singular): *-ão*, *-an/-am*, *-ãa*, *-on* e *-õo*. Nas subseções a seguir, estão indicados os dados desta pesquisa, referentes a cada uma dessas terminações.

### 2.1 A terminação *-ão*

No que se refere à terminação *-ão*, registramos, no *corpus* analisado, sua ocorrência nos seguintes nomes do PA:<sup>5</sup>

- (9) Nomes próprios  
*Juyão* (CSM 15, 27), *Estevão* (CSM 63, v. 18 e 28), *Rodão* (CSM 35)

<sup>5</sup> Para facilitar a compreensão e a interpretação dos dados desta pesquisa, os nomes foram organizados em dois grupos distintos: i) nomes próprios, no qual estão indicados os nomes desta pesquisa referentes, em geral, a pessoas e lugares citados nas CSM; e ii) nomes comuns, divididos em duas classes - a dos nomes do PA que permanecem no português atual, e a dos nomes do PA que desapareceram ao longo da história da língua. No caso destes últimos, indicamos, ao lado dos termos, o significado que assumiram no português atual, segundo a interpretação de Mettmann (1972). Além disso, para os nomes que permanecem no português atual, mas sofreram alguma mudança fonológica em sua estrutura, também apontamos a tradução proposta por Mettmann (1972), a fim de se evitar dúvidas de interpretação. O critério utilizado na classificação dos nomes comuns baseia-se na consulta desses nomes no dicionário *Novo Aurélio Século XXI* (1999): foram inseridos, no grupo dos nomes que permanecem no português atual, todos os termos que estão registrados no dicionário referido.

## (10) Nomes comuns

## a. Não permanecem no português atual

*alvardão* “homem trapaceiro, trapalhão” (CSM 406), *certão/çertão* “certo, seguro” (CSM 37, 54, 115, 393), *loução* “galhardo, garboso, arrogante” (CSM 65, 67, 192).

## b. Permanecem no português atual

*acusação* (CSM 7, 17), *aldeão* (CSM 31, 65), *ancião* (CSM 157), *cão* (CSM 69, 192), *celorgião* “cirurgião” (CSM 157, 177), *chão* (CSM 25, 37, 69, 105, 115, 119, 132, 141, 157, 163, 174, 192, 196, 198, 201, 213, 236, 253, 276, 294, 341, 376, 406), *crischão/creschão* “cristão” (CSM 25, 28, 34, 65, 67, 157, 163, 192, 196, 253; 192, 205, 385), *grão* (CSM 335), *guardião* (CSM 119), *irmão/yrmão* (CSM 5, 54, 69, 192, 366, 376), *mão* (CSM 4, 8, 25, 31, 37, 67, 69, 76, 105, 115, 119, 141, 157, 164, 174, 189, 201, 212, 213, 294, 341), *pagão* (CSM 28, 192), *são* “sadio” (CSM 6, 37, 54, 105, 115, 141, 157, 163, 174, 189, 198, 201, 276, 294, 341, 366, 393), *serão* (CSM 198), *vão* (CSM 157, 192, 196, 213, 253, 376, 393), *verão* (CSM 157, 366, 406), *vilão* (CSM 31, 57, 61, 65, 192, 237, 245, 406).

Conforme se pode observar, na grande maioria dos termos acima apontados, a sequência nasal *-ão* é proveniente da terminação latina *-anu* (ex.: *chirurgianu*, *christianu*, *irmanu*, *planu*, *sanu* etc., cf. Cunha, 2010). Nesse sentido, pode-se dizer que a terminação latina *-anu* está representada, nas CSM, pela terminação *-ão*.

Registramos, no entanto, um caso de variação gráfica entre *-ão* e *-ano*, no *corpus* analisado: o substantivo *celorgião*, arrolado em (10b), também aparece grafado como *cilurgiano*, na CSM 177 (na legenda de uma das figuras da cantiga).

Também identificamos, no *corpus* analisado, variação gráfica entre as terminações *-ão* e *-an*: além das formas *Estevão*, *Rodão*, *alvardão* e *cão*, indicadas nos exemplos acima, também foram registradas, nas CSM, as grafias *Estevan* (CSM 63, v. 2), *Rodan* (CSM 255), *alvardan* (CSM 401) e *can* (CSM 17, 64, 275, 298, 372, 401, 404).

No caso da variação gráfica *cão/can* (do latim *cane*), note-se que a grafia *can* é a mais recorrente no *corpus* analisado. A forma *cão* foi registrada em apenas duas CSM, sendo que, em apenas uma delas (CSM 192), refere-se ao substantivo masculino *cão*. Na outra cantiga (CSM 69), de acordo com Mettmann (1972, p. 52), *cão* foi empregado com o sentido de “encanecido, branco”: trata-se, pois, do adjetivo masculino *cão*, proveniente do étimo latino *canu* (ver NUNES, 1960, p. 111).

Dos termos arrolados em (10b), também merece destaque o substantivo *acusação*, por constituir o único exemplo, identificado nas CSM, de uma grafia *-ão* proveniente da terminação latina *-one* (*accusatione*, cf. Cunha, 2010, p. 11). Mais adiante, neste artigo, veremos que as demais terminações nasais provenientes de *-one* latino, identificadas no *corpus* estudado, estão representadas pela terminação *-on*.

Ainda sobre a terminação *-ão*, identificada no *corpus* considerado, cabe observar que, ao analisar a métrica das CSM, verificamos que as vogais da terminação *-ão* pertencem a sílabas diferentes, na escansão dos versos em que aparecem. Esse fato levou-nos a afirmar que, no século XIII, a sequência vocálica *-ão* ainda não era considerada um ditongo (pelo menos na escrita), como no PB atual. Os dados desta pesquisa confirmam, pois, a hipótese levantada por estudos anteriores de que as vogais dessa terminação constituíam um hiato, no PA.

No que se refere ao plural das formas em *-ão*, registramos, no *corpus* analisado, a ocorrência da terminação *-ãos*, conforme indicam os exemplos a seguir:

- (11) *africãos* (CSM 385), *aldeãos* (CSM 409), *antivãos* “vãos” (CSM 192), *çelorgiãos* (CSM 385), *certãos/çertãos* (CSM 26, 192, 196, 301, 385), *chãos* (CSM 344, 422), *cidadãos* (CSM 409), *crischãos* (CSM 4, 15, 28, 46, 57, 85, 89, 117, 149, 192, 196, 205, 264, 309, 325, 333, 335, 341, 344), *grãos* (CSM 315), *irmãos* (CSM 9, 335, 409), *louçãos* (CSM 26, 192), *mãos* (CSM 5, 9, 16, 26, 57, 85, 117, 134, 137, 149, 192, 205, 264, 268, 301, 309, 325, 333, 341, 344, 409, 422), *pagãos* (CSM 28, 149, 192, 196, 205, 264, 268, 335), *pisãos* “pisanos [de Pisa]” (CSM 169), *Romãos* “romanos” (CSM A, 192, 309), *ruãos* “homens da cidade” (CSM 409), *sãos* (CSM 57, 69, 89, 134, 137, 268, 301, 333, 385, 409), *vãos* (CSM 26, 137, 192, 325), *vilãos* (CSM 5).

As vogais da terminação *-ãos* também pertencem a sílabas poéticas distintas, na metrificação das CSM.

Tendo em vista o que foi acima apresentado, acerca da terminação nasal *-ão*, nas CSM, pode-se dizer que os dados desta pesquisa confirmam, de um modo geral, o que disseram os estudiosos consultados a respeito dessa sequência vocálica no PA: no século XIII, a terminação nasal *-ão* representava, na maioria dos casos, a antiga terminação latina *-anu*. Por outro lado, grafias como *cão* e *acusação*, identificadas no *corpus* analisado, permitem-nos inferir que o processo de uniformização das demais terminações nasais (*-an* e *-on*) em *-ão* já começava a se manifestar no século XIII.

## 2.2 A terminação *-an*

No tangente à terminação *-an*, registramos sua ocorrência nos seguintes nomes do PA, presentes nas CSM:

### (12) Nomes Próprios

*Abran* (CSM 95), *Adam/Adan* (CSM 3; 240), *Balaam* (CSM 147), *German* (CSM 28), *Johan/Johane/Joan/Yoan* (CSM 66, 94, 138, 145, 265, 272 306, 419; 381; 138; 295), *Octavian* (CSM 306); *Jordan* (CSM 338); *Leteran* (CSM 306), *Sopetran* (CSM 83), *Almaçan* (CSM 249); *Alcoran* (CSM 165, 329).

### (13) Nomes Comuns

#### a. Não permanecem no português atual

*adaman* “gesto, modo, trejeito, falsidade” (CSM 66, 245, 401), *talan* “vontade, desejo” (CSM 3, 15, 27, 35, 64, 66, 113, 115, 120, 138, 142, 165, 217, 223, 235, 240, 251, 255, 278, 285, 298, 327, 378, 401, 404, 407, 419).

#### b. Permanecem no português atual

*affan/afan* “afã, ânsia, trabalho, fadiga, tormento” (CSM 3, 17, 66, 185, 217, 223, 235, 245, 251, 275, 278, 342, 362, 401; 5, 15, 28, 35, 46, 130, 138, 146, 187, 236, 240, 327, 329, 331, 353, 423, 424), *capelan* (CSM 66, 75, 125, 128, 162), *cordovan* “cordovão, couro de cabra” (CSM 64), *dayan* “deão” (CSM 35, 362), *escrivan* (CSM 375), *hermitan/ermitan* (CSM 115; 65, 95), *pan* (CSM 5, 15, 16, 23, 55, 65, 66, 84, 112, 115, 187, 237, 258, 353, 378, 401), *pran* “chão” (CSM 236), *sancristan/sacristan* (CSM 66, 325), *soldan* “sultão” (CSM 28, 165).

Note-se que, em grande parte dos termos apontados acima, a terminação nasal é proveniente do latim *-ane* (ex.: *scribane*, *ermitane*, *pane*, cf. Cunha, 2010). Muitos desses termos, no entanto, não têm procedência latina: *cordovan* e *soldan*, por exemplo, são de

origem árabe (cf. CUNHA, 2010, p. 180 e 612). Nestes últimos casos, portanto, a terminação *-an* não provém da terminação latina *-ane*.

No caso do termo *ermitan* (do latim *ermitane*), também registramos, no *corpus* analisado, a grafia *ermitano* (CSM 155), que pode estar refletindo uma dúvida dos copistas medievais em grafar as terminações nasais do PA.

A terminação *-an*, empregada nos termos *sancristan/sacristan*, também chamou a nossa atenção, uma vez que essa terminação é proveniente de *-anu* latino, e não de *-ane* (cf. CUNHA, 2010, p. 575).

Outra grafia que merece destaque é a de *pran*, que representa, na CSM 236, o substantivo masculino “chão” (do latim *planu*). Cabe observar que, nas demais cantigas em que o termo foi empregado, registramos apenas a grafia *chão* (vejam-se os exemplos apontados em 10b).

A terminação *-an* também foi registrada, nas CSM, em palavras apocopadas, isto é, que sofreram apócope da última sílaba, conforme indicam os exemplos a seguir:

- (14) *fran* “franco” (CSM 16), *gran* “grande” (CSM A, 3, 5, 9, 14, 16, 34, 46, 65, 66, 69, 94, 119, 142, 146, 186, 265, 275, 285, 359), *man* “mando” (CSM 66), *san* “santo” (CSM 66, 265, 292).

No que se refere ao plural das palavras terminadas em *-an*, registramos, no *corpus* considerado, apenas as formas *cães* (CSM 142) e *pães* (CSM 182). Com essa mesma terminação *-ães*, foi identificado o substantivo próprio *Guimarães*, nas cantigas 238 e 291.

Além disso, identificamos, no *corpus* analisado, a terminação *-ãa*, proveniente, em geral, da terminação latina *-ana* (ex.: *irmana*, *lana* etc.), conforme indicam os exemplos a seguir:

- (15) *açãa* “aceno, gesto” (CSM 69), *antivãa* “antífona, cântico” (CSM 69), *cãa* “branca, encanecida” (CSM 55, 69), *campãa* “sino” (CSM 55, 59, 69, 215, 325, 407), *çertãa/certãa* (CSM 69; 105, 115, 192), *chãa* “plana” (CSM 158, 325), *çizillãa* “siciliana” (CSM 69), *coirmãa* (CSM 69), *crischãa* (CSM 89, 107, 192, 246), *grãa* “pano de escarlata” (CSM 69), *humãa* (CSM 69), *irmãa* (CSM 314), *jusãa* “de baixo, inferior” (CSM 69), *lãa* (CSM 23, 35, 53, 69, 147), *liviãa* (CSM 371), *louçãa* (CSM 69, 192), *maçãa* (CSM 3, 105, 192, 353), *mannãa* “manhã” (CSM 64, 69, 92, 107, 119, 125, 172, 234, 285), *quartãa* (CSM 419), *quintãa* (CSM 69), *rãa* (CSM 69), *romãa* “romana” (CSM 69), *sãa* (CSM 55, 69, 105, 107, 115, 192), *sancristãa/sancreschãa* (CSM 59, 332), *savãa* “coberta” (CSM 273), *Solarãa* (CSM 69), *toledãa* (CSM 69), *vãa* (CSM 55, 69).

Cabe observar que a métrica das CSM também não agrupa, em uma mesma sílaba poética, as duas vogais baixas (*a*), presentes na terminação *-ãa*. Esse dado leva-nos a acreditar que, no século XIII, as vogais finais dos termos apontados em (15) ainda não tinham sofrido crase.

Por fim, é importante acrescentar que as terminações *-an/-am*, provenientes do latim *-ane*, não se confundem, nas CSM, com a terminação *-ãa*, resultante da terminação latina *-ana*: não registramos, no *corpus* analisado, casos de variação gráfica envolvendo essas terminações.

### 2.3 A terminação *-on*

De todas as terminações nasais identificadas no *corpus* analisado, a terminação *-on* é a mais recorrente. Registramos, nas CSM, os seguintes nomes próprios terminados em *-on*:

- (16) *Abiron* (CSM 240), *Maçon* (CSM 183), *Reymon* (CSM 382), *Salomon/Salamon* (CSM 237, 270; 180, 382), *Simeon/Symeon* (CSM 138, 417, 425), *Simon* (CSM 238, 363); *Aragon* (CSM A, 44, 64, 161, 164, 169, 173, 177, 382), *Briançon/Brieyçon* (CSM 146), *Carron/Carrion* (CSM 31, 218, 227, 229, 278, 301), *Ebron* (CSM 254), *Faaron* (CSM 183), *Leon* (CSM A, 35, 206, 215, 229, 235, 255, 332, 362, 398), *Saixon/Seixon* (CSM 91; 53, 101, 106), *Syon* (CSM 27, 187); *Faraon* (CSM 14), *Kyrieleyson* (CSM 24).

Também foram identificados, no *corpus* analisado, muitos substantivos comuns terminados em *-on*, entre os quais, não permanecem, no português atual, os seguintes termos:

- (17) *acaron* “rente à pele” (CSM 23, 132, 359), *capeyron/chapeiron* “capuz” (CSM 54), *colaçon* “paróquia” (CSM 359, 378, 381), *compannon/conpannon* “companheiro” (CSM 14, 106, 284, 297), *crerizon* “aprendiz de clérigo” (CSM 24, 42, 52, 102, 404), *escantaçon* “bruxaria” (CSM 22, 128), *estremaçon* “distinção” (CSM 265), *falchon* “espécie de espada curva” (CSM 146), *felon* “traidor, irritado” (CSM 8, 15, 144, 208, 239, 270, 284, 298, 317, 401), *galardon/gualardon* “prêmio” (CSM 56, 103, 138, 401; B, 85, 249, 265, 295, 382, 400), *grannon* “barba” (CSM 293), *infançon/ifançon* “título de nobreza, inferior a fidalgo” (CSM 44, 55, 64), *mixon* “esforço, trabalho” (CSM 199, 382), *oblaçon* “oferenda” (CSM 316), *ocajon/oqueijon* “desgraça” (CSM B, 31, 84, 146, 189, 239, 293, 378, 401, 414; 139, 169, 175, 200, 265), *offereçon/offreçon* “oferta” (CSM 31, 327, 417; 85, 131, 139, 145, 271, 292), *randon* “impetuosidade” (CSM 31, 84, 121, 144, 146, 258, 293, 359, 424), *sazon* “tempo, ocasião” (CSM 3, 5, 15, 17, 24, 31, 63, 73, 86, 87, 91, 104, 109, 138, 164, 183, 187, 189, 206, 212, 216, 226, 256, 265, 274, 281, 314, 317, 327, 334, 382, 407, 414, 419), *tapon* “batoque” (CSM 351), *tocon* “coto” (CSM 265), *vargallon* “períneo” (CSM 227).

No que diz respeito aos termos, identificados nas CSM, que permanecem no português atual, a terminação *-on* constitui substantivos derivados e não-derivados, no *corpus* considerado, conforme indicam os exemplos a seguir:

- (18) Substantivos derivados  
*Acensson* (CSM 146), *bêeiçon/bêeçion/bêeycion* (CSM 265, 414, 418), *cofojon/cofujon* (CSM 91, 239, 272), *comuyon/comũyon* (CSM 4, 104), *confisson/confifisson* (CSM 14, 16, 24, 124, 157, 272; 284), *criaçon* (CSM 138, 382), *descomungaçon* “excomunhão” (CSM 283), *devoçon* (CSM 24, 42, 84, 86, 92, 118, 162, 168, 217, 227, 239, 242, 265, 269, 275, 293, 295, 296, 307, 318, 324, 326, 332, 337, 342, 359, 361, 371, 382), *escomoyon/escomũyon* (CSM 65), *encarnaçon* (CSM 237, 415), *entençon* (CSM 208, 259, 265), *escudeiron* (CSM 104), *esleyçon* “eleição” (CSM 87), *lijon* “lesão” (CSM 31, 97, 134, 146, 189, 227, 265, 293, 359, 426), *onçon* “unção” (CSM 270), *oraçon* (CSM 13, 21, 24, 31, 54, 59, 68, 84, 92, 93, 97, 103, 125, 127, 138, 146, 169, 189, 227, 245, 246, 248, 255, 265, 274, 287, 293, 296, 298, 332, 339, 382, 419), *perdiçon* (CSM 72, 195, 219,

270, 284, 311), *perseguçon* (CSM 227), *petiçon* (CSM 146, 265, 401), *prijon* (CSM 5, 14, 44, 60, 62, 95, 106, 138, 227, 239, 265, 291, 359, 415), *remisson* (CSM 359), *salvaçon* (CSM 26, 131, 227, 238, 241, 270, 276, 415), *saudaçon/saudaçion* (CSM 152, 415; 410), *suggeçon* “sujeição” (CSM 265), *tentaçon* (CSM 47, 206, 284), *trayçon/traiçon/trahiçon* (CSM 3, 5; 26, 138, 265, 284; 414), *vijon/vison/vision* (CSM 53, 58, 68, 84, 138, 265; 4, 15, 24, 131, 285; 79, 85, 292, 295, 299), *vocaçon* (CSM 14).

(19) Substantivos não-derivados

*aguillon* “aguilhão” (CSM 31), *baron* (CSM 21, 24, 138, 236, 246, 329, 337, 381, 410, 414), *baston* (CSM 31, 47, 49), *bordon* (CSM 138, 189, 253, 382), *breton* “bretão” (CSM 419), *cabron* “cabrão, bode” (CSM 283), *carvon* (CSM 35, 84, 146, 255), *coraçon* (CSM 5, 8, 15, 16, 17, 18, 21, 24, 25, 27, 28, 30, 31, 36, 38, 42, 44, 58, 59, 63, 65, 73, 81, 84, 87, 92, 94, 97, 98, 101, 121, 124, 125, 138, 146, 155, 156, 157, 168, 169, 170, 177, 189, 197, 202, 217, 226, 227, 232, 239, 242, 245, 246, 248, 249, 251, 259, 262, 265, 270, 271, 272, 274, 282, 283, 284, 286, 295, 296, 313, 314, 316, 318, 324, 332, 334, 342, 353, 359, 361, 400, 401, 407, 425), *dragon* (CSM 189, 238, 270), *espadarron* “espadagão” (CSM 189), *façon/faiçon/fayçon/ffeyçon* “feição” (CSM 324; 49, 189, 265, 293, 414, 415; 29, 361; 391), *falcon* (CSM 142), *ladron* (CSM 9, 13, 24, 31, 49, 84), *leon* (CSM 9, 47, 265), *maison* “casa” (CSM 31), *paixon/paxon* (CSM 124, 356, 427; 30, 47, 239, 414, 423), *pendon* (CSM 345), *peon* (CSM 22, 317), *perdon* (CSM 3, 14, 24, 29, 31, 84, 127, 138, 155, 170, 185, 229, 230, 239, 240, 278, 306, 313, 401, 407, 415), *poçon* (CSM 188, 189, 225, 426), *pregon* (CSM 31), *precisson/preçisson/procisson/procession* “procissão” (CSM 2, 128, 265, 345; 362, 420; 24, 128, 189; 420), *profisson* (CSM 14, 115), *quinnon/q[u]yõn* “quinhão” (CSM 4, 31, 265, 371; 353), *raçon* (CSM 31, 32, 353), *rancon* “rincão, recanto” (CSM 232), *razon* (CSM 13, 14, 24, 28, 29, 31, 46, 53, 56, 60, 72, 74, 82, 84, 87, 94, 98, 108, 109, 115, 135, 138, 146, 164, 165, 178, 185, 186, 197, 202, 219, 227, 235, 240, 256, 265, 270, 283, 284, 286, 287, 291, 293, 306, 311, 327, 342, 351, 359, 372, 378, 380, 382, 401, 404, 410, 414, 418, 423), *religion/relijon* (CSM 84, 226, 251, 265, 285; 288), *sermon* (CSM 24, 31, 84, 265, 305, 266, 281, 293, 404, 426), *tiçon* (CSM 316), *temon* “timão, barra de leme, lança de carruagem” (CSM 112, 245), *torvon* “trovão” (CSM 161).

Na grande maioria dos termos arrolados acima, a terminação *-on* é proveniente de *-one* latino. Foram registrados, no entanto, casos de *-on/-dõ*, no *corpus* analisado, provenientes de *-onu* latino, como os termos apontados a seguir, que apresentam, no português atual, terminação *-ono*:

(20) *padron* “padroeiro” (CSM 240), *trõo* “trono” (CSM 175)

Há que se destacar, no entanto, que o português atual, além da forma *patrono*, também possui *patrão* e *padrão*, todos provenientes do mesmo étimo latino *patronu* (cf. CUNHA, 2010, p. 481).

Por fim, também registramos, nas CSM, casos em que a terminação *-on/-om/-dõ* é proveniente de *-onu* latino (ex.: *bonu*, *donu*, *sonu*) e é representada, no português atual, pela grafia oficial *-om*:

- (21) *bon/bão* (CSM 4, 5, 6, 15, 27, 59, 65, 123, 235; 25, 84, 123, 158, 398), *don* (CSM 14, 21, 24, 30, 31, 84, 97, 106, 122, 127, 135, 146, 155, 178, 230, 247, 265, 270, 271, 284, 293, 329, 362, 382, 400, 401, 414, 415, 417, 424), *garçon* “jovem dissoluto” (CSM 72, 195, 237), *son/são* (CSM 14, 24, 31, 56, 64, 82, 84, 103, 108, 135, 138, 156, 162, 165, 170, 212, 219, 235, 262, 265, 270, 278, 282, 284, 293, 306, 307, 314, 329, 359, 380, 382, 401, 410, 414, 418; 163, 422).

No tangente ao plural das formas em *-on*, nas CSM, apenas o adjetivo *bon/bão* apresentou a terminação *-ōos*: *bōos* (CSM 14, 45, 57, 63, 194). Nos demais nomes do PA, presentes no *corpus* analisado, o plural está representado pela terminação *-ōes*, conforme indicam os exemplos a seguir:

- (22) *arlotōes* (CSM 305), *barōes* (CSM 305), *bastōes* (CSM 85), *bēeyçōes* (CSM 145, 199, 312), *bolssōes* (CSM 305), *cabrōes* (CSM 85), *capōes* (CSM 389), *carvōes* (CSM 85, 145, 199), *conpannōes/compannōes/conpan[n]ōes* (CSM 85; 411; 243), *coraçōes* (CSM 49, 83, 85, 145, 273, 300, 305, 374), *demōes* “demônios” (CSM 26, 38, 45, 109, 182), *devoçōes* (CSM 305), *dōes* (CSM 2, 85, 145, 199, 218, 305, 400, 418), *dragōes* (CSM 85), *entençōes* (CSM 85, 305), *escantaçōes* (CSM 319), *falcōes* (CSM 243, 366), *felōes* (CSM 85, 300), *galardōes/gualardōes* (CSM 85, 145, 199, 300, 305; 400), *grannōes/grinōes* (CSM 85, 305), *ladrōes* (CSM 49, 57, 85, 102, 145, 199, 374), *lanparōes* (CSM 321), *leytōes* (CSM 85), *leōes* (CSM 4), *lijōes* (CSM 85, 200), *mixōes* (CSM 199), *ocajōes/oqueijōes* (CSM 85, 199; 200), *ofreçōes/offreçōes/offrecçōes* (CSM), *oraçōes* (CSM 49, 57, 85, 145, 199, 273, 319), *peōes* (CSM 85, 102, 205, 245), *pepiōes/pipiōes* (CSM 102, 145, 305; 85), *perdōes* (CSM 199, 218, 305), *petiçōes* (CSM 305, 386), *precissōes* (CSM 208), *pregōes* (CSM 85), *prijōes* (CSM 83, 85, 319, 352, 363), *promissōes* (CSM 145), *quinnōes/quynnōes* (CSM 85; 145), *raçōes* (CSM 85, 145, 305), *rancōes* (CSM 145, 305), *razōes* (CSM A, 145, 300, 305, 411), *religiōes* (CSM 85, 145), *saudaçōes* (CSM 349), *sazōes* (CSM 85, 243), *sermōes* (CSM 305), *sōes* (CSM A, 85, 300), *talōes* (CSM 179), *tençōes* (CSM 300), *tentaçōes* (CSM 85, 145, 199), *tiçōes* (CSM 85), *torçillōes* (CSM 85), *torvōes* (CSM 74, 311), *trebolaçōes* (CSM 305), *varōes* (CSM 2, 45, 83, 134, 199, 200, 273, 411), *verōes* (CSM 199), *visiōes* (CSM 85).

Cabe observar que, mesmo os substantivos *don* (“dom”) e *son/são* (“som”), cujas terminações nasais são provenientes de *-onu* latino (*donu, sonu*), apresentaram, no *corpus* analisado, a terminação *-ōes* (*dōes, sōes*), nas formas do plural, diferentemente, portanto, do que ocorre no português atual, em que o plural dessas formas é obtido por meio do simples acréscimo da desinência *-s*: *dons, sons*.

Outra forma de plural que merece ser destacada é *verōes* (e não *verãos*), referente ao substantivo *verão* (do latim *veranu*, cf. Cunha, 2000, p. 672), grafado, no singular, com terminação *-ão*, nas CSM, conforme indicado no item 3.1 deste trabalho (vejam-se os exemplos arrolados em 10b)<sup>6</sup>.

Por fim, a métrica das CSM não agrupa em uma mesma sílaba poética as vogais presentes na terminação *-ōes* das formas do plural. Novamente, pode-se dizer que os dados desta pesquisa levam-nos a acreditar que, no PA (século XIII), as vogais dessa terminação ainda não constituíam um ditongo da língua.

<sup>6</sup> A gramática do português atual (variedade padrão) reconhece as duas formas, *verōes* e *verãos*, para representar o plural do substantivo *verão* (cf. CEGALLA, 1978, p. 90).

## 2.4 As terminações nasais nas rimas das CSM

Ao analisar a ocorrência das terminações nasais, no *corpus* considerado, verificamos que a terminação *-ão* aparece nas rimas de 29 cantigas, entre as quais, apenas uma (CSM 192) é constituída de termos cuja sequência vocálica *-ão* não procede da mesma origem latina: o substantivo *cão* (do latim *cane*) aparece rimando com termos cuja terminação nasal é proveniente de *-anu* latino:

- (23) *E disse: “Pagão,  
sse queres guarir,  
do demo de **chão**  
t' ás a departir  
e do falsso, **vão**,  
mui louco, **vilão**  
Mafomete **cão**,  
que te non valer  
pode, e **crischão**  
te faz e **irmão**  
nosso, e **loução**  
seie sen temer.”*  
(CSM 192)

Nas demais cantigas mapeadas, todas as rimas em *-ão* são provenientes da terminação latina *-anu* (ex.: *mão*, *chão*, *são*, *irmão*, *verão* etc.). Vale observar que o termo *cão* também foi registrado na CSM 69:

- (24) [...] *Da ygreja; e ya pela **mão**  
con el un preste. E viu ben de **chão**  
Pedro vir a ssi un ome **cão**  
ena cabeça, e a barva **cãa**,  
Santa Maria os enfermos **sãa**  
e os **sãos** tira de via **vãa**.*  
(CSM 69)

Nessa cantiga, no entanto, conforme observado no item 2.1 deste artigo, a forma empregada refere-se ao adjetivo masculino *cão* (“encanecido, branco”), também registrado na forma feminina (*cãa*), no *corpus* considerado. Na CSM 69, não se pode afirmar, portanto, que haja rima entre terminações nasais provenientes de origens latinas distintas, uma vez que, conforme observado anteriormente neste trabalho, a terminação nasal do adjetivo *cão* é proveniente de *-anu* latino (*canu*).

Não foram registrados, nas rimas das cantigas afonsinas, casos de *-ão* proveniente da terminação latina *-one*. Por outro lado, foram identificadas, no *corpus* analisado, rimas entre palavras terminadas em *-on* proveniente de *-one* latino:

- (25) *Mas con coita grande que tia no **coraçõn**,  
com' ome fora de seu siso, se foi **enton**  
a un sant' abade e disse-ll' en **confisson**  
que a Deus rogasse que lla fizesse **gãar**.*  
(CSM 16)

No tangente à terminação latina *-ane*, registramos, nas CSM, a ocorrência de rimas entre palavras terminadas em *-an*, conforme indica o exemplo a seguir:

- (26) *E outro dia acharon tanto **pan**  
que os orreos foron chãos de **pran**,  
que lles deu Santa Maria sem prender e **afan**,  
ond' o convent' ouve quanto em mester avia.*  
(CSM 187)

Também registramos a ocorrência da terminação *-ãa* (do latim *-ana*), nas rimas das CSM:

- (27) *Foi-ss' enton Santa Maria, e a monja ficou **sãa**;  
e cuidou achar seu fillo, mais en seu cuidar foi **vãa**,  
ca o non viu por gran tempo, senon quand' era ja **cãa**,  
e por el foi mas coitada que por seu fill' é leõa.*  
(CSM 55)

Não registramos, no entanto, casos de rima entre a terminação *-an* (do latim *-ane*) e a terminação *-ãa* (do latim *-ana*), nas CSM. Da mesma forma, não registramos, no *corpus* analisado, casos de rima entre as terminações *-ão*, *-an* e *-on* do PA.

Nesse sentido, no que se refere às rimas das CSM, não se pode dizer que as terminações nasais do PA tenham manifestado uma tendência à uniformização, visto que identificamos, no *corpus* analisado, apenas um caso de rima entre palavras cuja terminação *-ão* não provém da mesma origem latina (ex.: *chão* e *cão*) e nenhum caso de rima entre as diferentes terminações nasais do período arcaico.

## Considerações finais

Tendo em vista os dados desta pesquisa, somos levados a afirmar que, no século XIII, os nomes do português ainda apresentavam terminações nasais distintas (*-ão*, *-an* e *-on*) para representar as três terminações latinas que lhe deram origem (*-anu*, *-ane*, *-one*).

Nesse sentido, pode-se dizer que, naquele momento da língua, a uniformização das três terminações nasais em um único *-ão* ainda não se havia consolidado, embora os casos de variação gráfica identificados no *corpus* (ex. *cão/can*, *Estevão/Estevan* etc.), bem como as grafias adotadas em *acusação* e *sacristan*, e a rima entre *cão* e *vilão*, por exemplo, na CSM 192, sugiram que o processo de mudança já começava a se manifestar no PA (fase trovadoresca).

Os dados e a metodologia adotada nesta pesquisa dão conta, portanto, de evidenciar a situação de variação que havia, na época dos trovadores, e que, posteriormente, resultaria em uma mudança linguística. Fica, assim, para trabalhos futuros, a tarefa de investigar a ocorrência dessas terminações nasais em textos posteriores às cantigas trovadorescas, com o intuito de se verificar em que período da história da língua essa variação teria se consolidado em mudança.

Pode-se dizer, enfim, que o presente estudo, baseado na consideração da grafia e das rimas empregadas nas CSM, traz informações relevantes sobre o processo de formação do ditongo nasal *-ão*, no percurso diacrônico do português. Além disso, este trabalho, ao apresentar um número considerável de dados do período arcaico, constitui um testemunho importante sobre as terminações nasais vigentes em um momento passado da língua, que não possui registros orais.

## REFERÊNCIAS

- BETTI, M. P. *Rimario e lessico in rima delle Cantigas de Santa Maria di Alfonso X di Castiglia*. Pisa: Pacini, 1997.
- BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.
- CÂMARA JR, J. M. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979. (1ª edição brasileira: 1975)
- CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 18. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 6. ed., rev. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.
- CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- CUNHA, C. F. Rima de Vogal Oral com Vogal Nasal. In: CUNHA, C. F. *Estudos de Poética Trovadoresca*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961. p. 173-200.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed., rev., ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- MAIA, C. *História do galego-português*. 2. ed. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta de Investigação Científica e Tecnológica, 1997. Reimpressão da edição do INIC, 1986.
- MATTOS E SILVA, R. V. *O Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.
- METTMANN, W. (Ed.) Alfonso X, el Sabio. *Cantigas de Santa Maria (cantigas 101 a 260)*. Madrid: Castalia, 1988.
- METTMANN, W. (Ed.) *Cantigas de Santa María (cantigas 1 a 100)*: Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1986.
- METTMANN, W. (Ed.) *Cantigas de Santa María (cantigas 261 a 427)*: Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1989.
- METTMANN, W. Glossário. In: AFONSO X, O SÁBIO. *Cantigas de Santa Maria*. Coimbra: Universidade, 1972. v. IV: Glossário.
- NUNES, J. J. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. 6. ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1960.
- PARKINSON, S. Aspectos teóricos da história das vogais nasais portuguesas. *Linguística Histórica: história da Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 1997, v.2, p. 253-272.
- RAMOS, M. A. Nota Linguística: critérios de edição: normas de transcrição. In: GONÇALVES, E.; RAMOS, M. A. *A lírica galego-portuguesa: textos escolhidos*. 2. ed. Lisboa: Editorial Comunicação, 1985. p. 81-127.
- TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. 6. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1994. [1ª edição: 1980].

WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português: fonologia e morfologia histórica da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. [1ª edição: 1938].

Recebido em outubro de 2011.

Aprovado em outubro de 2012.